

A cinza das horas nos anos noventa

Paulo Vieira
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
Dramaturgo, diretor, ator, professor

Resumo: Os últimos dez anos do século XX foram marcantes para o teatro paraibano. Aconteceram grandes espetáculos que modificaram de maneira radical a cena e até mesmo o pensamento sobre a prática teatral. Foi um momento de retorno de artistas que se ausentaram de João Pessoa durante a década de oitenta, que trabalharam e estudaram teatro em centros mais avançados, principalmente o Rio de Janeiro e São Paulo, e que ao fim de alguns anos retornaram à cidade de onde haviam partido. Foi sobre a cinza das horas do século vinte que nasceu um novo teatro na Paraíba. Antes disso, o teatro, como cena, estava assentado sobre uma sólida base folclórica, e sobre vagos conceitos sobre o trabalho de ator, a sua preparação e sua técnica específica. Quando se deu o retorno dos que partiram, surge uma onda de grandes realizações estéticas que provocaram um ardente e apaixonado debate sobre a cena contemporânea. Começa a surgir um teatro mais ligado à urbanidade, ou mesmo um teatro que tem o campo como temática, mas um teatro que relativiza o folk em nossa tradição cultural e, mais importante que tudo, um teatro preocupado não apenas com a realização de espetáculos, mas com a formação do ator. Dessa preocupação, surge e necessidade de criação de um curso de formação de ator em nível de bacharelado, substituindo o antigo curso de educação artística, coisa que somente irá acontecer nos primeiros anos do atual século.

Palavras-chave: Teatro Brasileiro, Teatro Paraibano, Memória

Walfredo Rodrigues foi um “homem multimídia”, isto em um tempo em que a palavra sequer existia. Um homem de teatro, diretor, ator, foi também um fotógrafo apaixonado pela arquitetura, becos e vielas da cidade de João Pessoa. E foi também escritor. E quis igualmente ser historiador, mas não de fatos políticos, nem das glórias e desditas que marcam de forma indelével o caráter de um povo e o seu sentido de civilização. Walfredo Rodrigues quis escrever sobre a cultura paraibana, que vasculhou com dedicação de apaixonado, e, em especial, quis escrever sobre a cultura teatral na cidade de João Pessoa. Em 1960, Walfredo Rodrigues lançou o seu opúsculo: *Só a Saudade Perdura*. Ao contrário do que se possa pensar, o livro não é um romance nem uma obra poética, tampouco trata de política ou de heróis históricos, mas trata, sim, da história do teatro na Paraíba. Com esse livro despretensioso e pouco preciso quanto aos dados históricos, incluindo datas e nomes, Walfredo Rodrigues inaugurou a historiografia do teatro paraibano.

O título do livro do multimídia Walfredo pouco esclarece quanto ao movimento teatral ou mesmo quanto ao tempo em que ele está tratando, mas é possível perceber que o autor está falando de um teatro que ele conheceu ainda jovem durante as décadas de 1920/30, assim

como de breves reminiscências de um passado ainda mais remoto. Um teatro pungente, pelo que se pode perceber pelas páginas plenas de um saudosismo amoroso, não se sabe com certeza se pelo teatro ou pelo jovem que foi durante aquelas décadas, um jovem completamente determinado a viver e a amar o teatro, e que já no outono de sua existência relembra com saudade – *Só a Saudade Perdura* – o teatro que o fez na velhice rememorar.

A impressão que se tem à primeira vista é de que o teatro da década de 50 não correspondia às expectativas do velho homem de teatro. No entanto, a despeito dessa suspeita, havia em João Pessoa um grupo de Teatro do Estudante, inspirado e incentivado por Paschoal Carlos Magno, de onde surgirá para a cena brasileira o dramaturgo Paulo Pontes¹. Havia também o Grupo Oficial do teatro Santa Roza, que sempre realizava grandes espetáculos, com diretores da cidade ou convidados de outras paragens. Desses grupos, surgiram nomes igualmente importantes para o teatro paraibano: Elpídio Navarro, Zezita Matos, Ednaldo do Egypto, entre outros.

Durante cerca de 30 anos, *Só a Saudade Perdura*, edição do autor, foi o único e exclusivo livro que nos dava notícias, mesmo que de maneira vaga, sobre o teatro na Paraíba desde o início do século XX. Mas somente até quando Ednaldo do Egypto, outro incorrigível saudosista, lançou o livro *40 anos do Teatro Paraibano*². Nesse caso, um roteiro fotográfico, como o próprio Ednaldo o classificou. Lá estão fotos de espetáculos, de atores e grupos atuantes entre as décadas de 50 e de 80 na cidade de João Pessoa. No livro de Ednaldo do Egypto vê-se foto de Elba Ramalho ainda quando atriz amadora em Campina Grande.

Importante fonte iconográfica para o teatro paraibano, o livro de Ednaldo do Egypto, entretanto, é falto de análise crítica quanto às peças apresentadas em suas páginas, quanto a atores, autores e todos os demais profissionais da cena tão saudosamente retratados. Enfim, o livro é um álbum de memória. E teria ficado por aí a historiografia do teatro paraibano, não fosse a criação de cursos de Especialização em Artes no âmbito da Universidade Federal da Paraíba.

Graças a esses cursos, três importantes monografias foram geradas: a de Luciana Ataíde Dias, examinando a performance criativa do ator Fernando Teixeira; a de Bento Carvalho de Lima Filho, examinando a atuação do Grupo Boca de Forno, que tinha uma ação enquanto teatro comunitário com propostas educativas, ambas em 1997; e de José Augusto Paiva de Magalhães, em 2000, com a pesquisa voltada para a história do teatro na Paraíba: *Do Coliseu ao Ednaldo*. Todas as monografias foram por mim orientadas em dois cursos distintos

¹ Ver o meu livro: *Paulo Pontes: a arte das coisas sabidas*. João Pessoa: UFPB, 1997.

² João Pessoa: Sed/Secetur, 1998.

de Especialização. Dessas, a de José Augusto Paiva de Magalhães terminou por alcançar edição em 2004.

Para dar maior profundidade à pesquisa, criei junto a Universidade Federal da Bahia o Mestrado Institucional em 2000 e, nessa condição, orientei cinco dos professores da UFPB: José Everaldo Vasconcelos, Eliezer Rolim, Eleonora Montenegro, Mônica Macedo e Elias de Lima Lopes. Desses, apenas Mônica Macedo se dedicou a analisar um dos mais importantes eventos culturais em nosso Estado, o Festival de Inverno de Campina Grande, criado e mantido até hoje por Eneida Agra Maracajá. Esse Festival existe há cerca de 35 anos, e desde o seu primeiro dia tem sido um evento que privilegia a análise e o debate sobre a cultura e especificamente sobre o teatro paraibano. Muitos de nós, eu inclusive, pudemos aprender com mestres que vinham especialmente convidados para o festival de Campina Grande. A sua forma termina por se tornar modelo a outros festivais de teatro em nosso Estado, a exemplo do muito importante – para a sua breve vida – Festival de Artes de Areia.

Quem igualmente publicou a sua dissertação de mestrado foi Romualdo Rodrigues Palhano³, que em 1992 defendeu junto ao Mestrado em Educação na UFPB a sua dissertação que trata da atuação de Altimar Pimentel e do grupo TECA em Cabedelo (PB). Romualdo foi meu orientando naquele mestrado. Depois, tomou o caminho do doutoramento, e o resultado é uma tese⁴ que cobre todas as lacunas deixadas por Walfredo Rodrigues.

O primeiro teatro construído na Paraíba curiosamente não foi na capital, mas no alto da serra, na cidade de Areia, hoje patrimônio da humanidade. O Teatro Minerva, com seus mais de 150 anos, continua em pé. Romualdo Palhano, em sua tese, aponta a origem do teatro na Paraíba, e, nesse sentido, abre uma grande perspectiva para os estudos históricos que já estão sendo aprofundados por duas alunas do Curso de Teatro da UFPB, minhas orientandas no Grupo de Pesquisa do Teatro Paraibano: Ana Maria Nunes, com a pesquisa *Memórias do Festival de Arte de Areia* e Ana Rachel da Silva Cavalcante, com a pesquisa *A influência dos grupos artísticos italianos no teatro Minerva na cidade de Areia*, ambas em andamento com apoio PIVIC.

Não à toa, tanto José Augusto Paiva de Magalhães quanto Romualdo Rodrigues Palhano são também membros do Grupo de Pesquisa do Teatro Paraibano.

Recentemente Romualdo Rodrigues Palhano, que hoje é professor da Universidade Federal do Amapá, encerrou a sua pesquisa de pós-doutoramento, sob a minha orientação. O

³ *A Saga de Altimar Pimentel e o Teatro Experimental de Cabedelo*. João Pessoa: Sal e Terra, 2009.

⁴ PALHANO, Romualdo Rodrigues. *Entre terra e mar: sociogênese e caminhos do teatro na Paraíba 1822-1905*.

resultado dessa nova empreitada será o lançamento ao final deste ano de mais um livro, desta vez tratando de forma abrangente dos teatros construídos na Paraíba, os que estão em pé e os que desapareceram, do litoral ao sertão, registrando de forma indelével as atividades teatrais na Paraíba, contribuindo, portanto, com a abertura de novas perspectivas para o mapeamento do teatro em nosso Estado.

Em 2003, com o apoio de uma bolsa PIBIC para o aluno Diocélio Batista Barbosa, eu desenvolvi o projeto *Dramas Circenses*, no qual consegui resgatar vinte textos teatrais manuscritos em cadernos escolares do circo Canarinho, que mambembava pela periferia de João Pessoa. Esses textos foram digitalizados e alguns deles compõem o segundo número da edição de dramas circenses que estão sendo publicados pela Fundação Cidade do Recife, em Pernambuco.

Ainda em 2003, outra pesquisa, *O olhar da Coxia*, igualmente apoiada com bolsa PIBIC para a aluna Aluska Andrade Carneiro, resultou em um monólogo teatral no qual o cenotécnico Waldemar Dornelas passa em revista os últimos trinta anos de teatro em João Pessoa, no qual ele foi figura atuante e, nessa condição, um privilegiado espectador, sempre assistindo às peças através da coxia.

Todas essas atividades foram ao longo dos anos compondo um painel sobre o teatro na Paraíba, dando continuidade ao desejo evocado por Walfredo Rodrigues, qual seja o de registrar a memória e, portanto, fixar a história. Mas, ao contrário de Walfredo, o que se vê nos registros até agora apontados não é a saudade romântica de um tempo remoto que perdura, mas a resistência brava e heróica de um teatro que teima em existir e a se perpetuar ao longo do tempo, e muitas vezes com qualidade técnica e poética insofismável, como quando Paulo Pontes escreveu e encenou *Parai-bê-a-bá*, em 1968 e, na sequência, partiu para o Rio de Janeiro para compor uma obra notável sob todos os aspectos, que seria coroada ao fim com a *Gota d'água*, em parceria com Chico Buarque de Holanda.

A década de setenta, quando a minha geração começou a atuar nos palcos da Paraíba, vivia-se em estado de medo. Assim mesmo, fazíamos teatro contra a censura, apesar da censura, contra a ditadura e apesar de toda a falta de estrutura nos grupos. O teatro era a esperança sob a qual tentávamos as nossas experiências de arte e vida.

Quando chegou a década de oitenta, houve um vazio imenso de espetáculos e de criação, e isso não apenas aconteceu entre nós, em João Pessoa, mas no teatro brasileiro como um todo, tanto que a crítica da época frequentemente se refere a “um vazio de criação”. A década foi quase perdida, se é que em arte algum momento é perdido. Mas o que houve de nossa parte, em nossa cidade, foi que alguns de nós já tínhamos feito universidade e partimos

em busca de outros horizontes, de viver a vida, de estudar teatro num centro desenvolvido que pudesse suprir a escola que não tivemos em nossa formação. Dessa geração migraram Eliezer Rolim, Moncho Rodrigues, Luis Carlos Vasconcelos, Fernando Teixeira e eu próprio. Cada um partiu em busca dos seus sonhos. Ao fim dos anos oitenta e início dos anos noventa, voltamos. Ao longo dos cerca de dez anos seguintes, no apagar das luzes do século XX, na cinza das horas do último decênio, o teatro em João Pessoa testemunhou uma sequência incrível de grandes espetáculos que mudaram de forma radical o modo como se pensava e se fazia teatro até então em nossa cidade. E, o que é melhor, foram espetáculos instigantes não apenas para as pessoas de teatro, mas igualmente atraíram o público, que comparecia aos teatros em número cada vez maior.

Mas as cinzas de que falo começaram a tomar forma por volta de 1989, quando Moncho Rodrigues, em Campina Grande, dirigiu *As Velhas*, texto de Lourdes Ramalho. Esse espetáculo surpreendeu a crítica pela leitura arquetípica que Moncho Rodrigues criou para o drama de Lourdes Ramalho, que trata da seca e de paixões ardentes.

Depois, na mesma cidade, eu mesmo dirigi *Última Estação*, texto de Álvaro Fernandes, que tem algo de filosófico e de absurdo, e que eu construí com um tom declaradamente expressionista. Este espetáculo terminou sendo indicado entre os dez melhores do Nordeste a excursionar por Portugal através do Projeto CumpliCidades, em 1993.

Em João Pessoa, Eliezer Filho surge com dois espetáculos deslumbrantes: *Homens de Lua* e *Anjos de Augusto*, este com texto baseado na obra poética de Augusto dos Anjos; Fernando Teixeira superlota o teatro Santa Roza com *Anayde*, texto de minha autoria; Luis Carlos Vasconcelos atinge o ápice com *Vau do Sarapalha*, que arrebatou a crítica e torna o grupo nacionalmente conhecido, abrindo, na sequência as portas do cinema e da televisão para os seus atores. Esse espetáculo é ainda mantido vivo pelo grupo Piollin. Angelo Nunes, jovem diretor, falecido quando preparava o seu terceiro espetáculo, surge com *Drama das Almas*, em 1996, e posteriormente emociona com *Não se incomode pelo carnaval*, texto de minha autoria; Eliezer Filho ainda vai surpreender e emocionar com o espetáculo *Sinhá Flor*; Geraldo Jorge, na linha do teatro popular, vai estrear um enorme sucesso ainda hoje apresentado sob a direção de Edilson Alves, *Pastoril Profano*; eu próprio ainda voltaria a dirigir no final da década o espetáculo *Noite Escura*, no qual eu assinava o texto e a direção. Esse espetáculo eu o apresentei numa longa temporada na capela de Santa Tereza D'Ávila, que era, naquele instante, um prédio em ruínas. Uma das boas graças do espetáculo foi ter chamado a atenção do IPHAN para a capela, que terminou sendo recuperada quando nós a

desocupamos depois de seis longos meses, a maior temporada contínua de um espetáculo em João Pessoa.

Enfim, houve uma sequência de tantos espetáculos fantásticos que atraíram um grande público para o teatro no período compreendido entre 1988 e 1998. O curioso em toda essa história foi que, com a entrada no século XXI, o teatro paraibano como um todo se retraiu completamente, ao passo em que o cinema vem conhecendo uma significativa expansão, inclusive com a participação decisiva de diretores de teatro, como, por exemplo, Eliezer Filho e José Everaldo Vasconcelos.

A pergunta que me faço com alguma perplexidade é: o que houve?

Uma coisa parece certa: se a produção de espetáculos diminuiu, boa parte do esforço dos realizadores foi posto na formação de atores, com a criação de escolas de teatro. É o caso de Roberto Cartaxo, por exemplo, que foi diretor de um dos grandes espetáculos de massa, *O Auto de Deus*, com texto de José Everaldo Vasconcelos. Roberto Cartaxo criou o curso de teatro do Teatro Santa Roza, de onde ele é diretor administrativo; Duílio Cunha, diretor que substituiu Angelo Nunes após o falecimento deste - e se mostrou um diretor do melhor gabarito -, criou o seu curso livre de teatro. Ou nós mesmos na Universidade, que fomos transformando o curso de Educação Artística num Curso de Teatro, e já no próximo ano estaremos liberando no mercado de trabalho a primeira turma com o inédito, em nossa cidade, Bacharelado em Interpretação. E até antes do Bacharelado, criamos dois cursos de Especialização em Representação Teatral, dos quais resultaram cerca de quatorze espetáculos dos mais variados viés estéticos, alguns ainda em franca carreira pela cidade.

Como uma fênix, das cinzas das horas dos anos oitenta, renasce um teatro antenado com o século que vivemos.

REFERÊNCIAS

DIAS, Luciana Ataíde. *Fernando Teixeira: a intuição criativa*. João Pessoa: UFPB, texto em apostila, 1997.

EGYPTO, Ednaldo. *40 anos do teatro paraibano*. João Pessoa: Sed/Secetur, 1998.

FILHO, Bento Carvalho de Lima. *Boca de Forno: o teatro comunitário como proposta educativa*. João Pessoa: UFPB, texto em apostila, 1997.

MACEDO, Mônica. *Palco iluminado: Festival de Inverno de Campina Grande*. Salvador: UFBA, texto em apostila, 2002.

MAGALHÃES, José Augusto Paiva de. *História do teatro na Paraíba*. João Pessoa: Ideia, 2005.

PALHANO, Romualdo Rodrigues. *A saga de Altimar Pimentel e o Teatro Experimental de Cabedelo*. João Pessoa: Sal e Terra, 2009.

_____. *Entre terra e mar: sociogênese e caminhos do teatro na Paraíba 1822-1905*. João Pessoa: Sal e Terra, 2008.

RODRIGUES, Walfredo. *Só a saudade perdura*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1960.

VIEIRA, Paulo. *Paulo Pontes: a arte das coisas sabidas*. João Pessoa: UFPB, 1997.